

TV+

Realidade argentina na pós-ditadura

Divulgação/Paramount+

Novo thriller do Paramount+, *O sequestro* retrata o período de pós-ditadura argentina na década de 1980. O filme é estrelado por Rodrigo de La Serna, conhecido pelos trabalhos em *Diários de motocicleta* e *La casa de papel*

POR ISABELA BERROGAIN

Ambientado no período da pós-ditadura argentina e baseado no livro *El salto de papá*, de Martín Sivak, *O sequestro* é o mais novo thriller do Paramount+. De volta à cidade natal, Buenos Aires, Julio Levy (Rodrigo de La Serna) encontra-se esperançoso em relação ao futuro do país após anos em exílio político. O sentimento, no entanto, muda repentinamente. Filho de banqueiro, Julio vê o irmão ser raptado, assim como outros argentinos, em plena luz do dia. Encarregado de trazer o familiar para casa, o ex-exilado acaba descobrindo laços entre o grupo de sequestradores e políticos, em uma relação que evidencia a operação das forças militares por trás da suposta recém-recuperada democracia argentina.

O protagonista Rodrigo de La Serna, conhecido mundialmente por trabalhos como *Diários de motocicleta* e *La casa de papel*, garante: “No cinema, é o melhor trabalho que eu fiz na minha vida”. “É um filme muito singular, porque fala de uma conjuntura e de um momento histórico muito preciso do país. Ou seja, é um filme profundamente argentino, mas com uma universalidade, o que ficou claro durante as exibições nos festivais de Veneza e Toronto. A produção chegou a ser ovacionada por até oito minutos em países de culturas totalmente diferentes das nossas”, aponta o ator. A produção foi o primeiro filme argentino de 2023 a ganhar lugar na seleção de ambos os festivais.

“Julio, que Rodrigo encarna de forma brilhante, é um personagem que luta constantemente e sistematicamente contra as adversidades, e isso é muito empático, mesmo que não dê certo”, avalia a diretora Daniela Goggi. Tais característi-



Rodrigo de La Serna é o protagonista de *O sequestro*

cas, para ela, foram responsáveis por conquistar um público internacional, apesar de se tratar de um filme tão argentino. “Vivemos em países que são duramente atingidos por mudanças políticas e econômicas. É um sistema no qual nos acostumamos a viver, e isso também gera uma certa empatia”, complementa a cineasta.

Apesar de baseado em episódios reais da Argentina da década de 1980, Daniela ressalta que os acontecimentos do filme são ficcionais. “Não queríamos retratar um acontecimento específico e verdadeiro, pois não conhecíamos a sua verdadeira magnitude. E, nesse sentido, estávamos mais interessados em trabalhar uma ficcionalização de muitos sequestros exorbitantes da época, além de também trabalhar, sobretudo, o funcionamento do trabalho desempregado”, relata. “Assim como a realidade serviu para inspirar a ficção, ela não reflete fatos documentais — é uma ficção que se constrói a partir da realidade”, esclarece.

Para Rodrigo, períodos delicados de serem retratados, como os anos de ditadura e pós-ditadura, podem dar ao cinema um grande papel social. “Eu acho que, como coletivo artís-

tico, neste caso através do cinema, não é uma má ideia revisitar aqueles anos difíceis. Sempre houve uma tradição no cinema argentino de visitar os anos da ditadura, mas não os anos da transição para a democracia. Acredito que seja muito valioso, porque também percebemos, se olharmos para aqueles anos, que a democracia foi muito difícil de se estabelecer. A inércia institucional daquela violência que veio da ditadura não foi apagada da noite para o dia. Foi preciso muito trabalho para que a democracia fosse uma realidade palpável no nosso país e para que as gerações dos nossos filhos, por exemplo, hoje, pudessem ver e ter uma referência, pelo menos por meio do cinema, de que aqueles anos foram assim.”

“Acho que é uma contribuição valiosa para a construção de uma sociedade saudável, para que esses erros não sejam cometidos novamente. Se você não conhece o seu passado, é muito provável que cometa os mesmos erros novamente no futuro”, finaliza o protagonista. O filme, inclusive, foi lançado às vésperas das eleições que elegeram o autoproclamado anarcopitalista Javier Milei como presidente da Argentina.